

O CUIDADO SOB O OLHAR DE HELENA HIRATA

Pamela C. Oliveira¹

O cuidado: teoria e práticas

Helena Hirata (tradução: Monica Stahel)

São Paulo: Boitempo, 2022. 143p.

Escrito pela filósofa, socióloga e pesquisadora Helena Hirata, o livro *O cuidado: teoria e práticas*, foi publicado originalmente na França, em 2021, pela editora *La Dispute*, sob o título *Le care, théories et pratiques*. Em 2022, a obra foi traduzida para o português e publicada pela editora Boitempo. Como as datas sugerem, essa é uma obra finalizada durante a pandemia de Covid-19 (2020-2022), um período marcado pelo confinamento social e por trazer ao centro do debate mundial as discussões em torno do cuidado e das profissões que exercem o cuidado remunerado.

No cenário pós-crise sanitária, o livro se revela de fundamental relevância para contrapor a concepção neoliberal de que todos os indivíduos sob o capitalismo são iguais, autossuficientes e autônomos². Numa linguagem objetiva e sem desvios, Hirata oferece uma potente introdução às teorias do cuidado e à análise do trabalho de cuidado, contribuindo para desconstruir ideias preconcebidas³ sobre o tema, que vem sendo discutido na teoria feminista desde os anos 1970, quando muitas teóricas e militantes se voltaram ao ambiente doméstico para reivindicar “o pessoal como político”; e que vem recebendo mais atenção desde a virada do milênio.

Trata-se de uma obra acessível, que pode ser lida por quaisquer pessoas que desejem compreender o panorama geral dos estudos sobre o cuidado, bem como o processo de mundialização que esse trabalho enfrenta no momento, a partir de uma perspectiva interseccional.

A primeira contribuição fundamental do livro para esse debate é a perspectiva comparativa a que se propõe a autora. A autora se dedica nas mais de duzentas páginas a estabelecer proximidades e distanciamentos em relação aos cuidados em três países: Brasil, Japão e França. Ao fornecer uma análise comparativa entre sociedades de continentes distintos (América do Sul, Europa e Ásia), a autora logra demonstrar a centralidade política do trabalho das

1 Jornalista pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), especialista em Comunicação Popular e Comunitária (UEL) e mestra em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É membra do Grupo de Estudos da Teoria da Reprodução Social (GE-TRS), registrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

2 GLENN, E. N. Prefácio à edição francesa. In: HIRATA, H. **O cuidado: teoria e práticas**. São Paulo: Boitempo, 2022.

3 KERGOAT, D. Posfácio. In: HIRATA, H. **O cuidado: teoria e práticas**. São Paulo: Boitempo, 2022.

mulheres e do cuidado sob a mundialização.

O segundo êxito de Hirata se dá pela contribuição de sua pesquisa aos estudos sobre trabalho e subjetividade, recorrendo às sociologias do gênero, das emoções, da migração e do trabalho para esta tarefa. Ela assume, portanto, a prerrogativa de investigar o cuidado *enquanto* trabalho. Essa perspectiva nos permite ainda “enxergar” tais trabalhadoras/es, suas vivências, concepções e trajetórias, na contramão das características do cuidado em relação à forma como ele é socialmente organizado sob o capitalismo: invisibilizado e naturalizado.

Seu brilhantismo, entretanto, reside no fato de sua pesquisa investigar o trabalho de cuidado especificamente voltado às pessoas idosas, quando é mais comum que os estudos sobre o tema se debruçam sobre as profissões dedicadas às crianças e bebês. Por sua análise comparativa, Hirata identifica uma similaridade primordial entre os três países: o envelhecimento rápido e significativo da população e a incontestável necessidade desses países de lidarem com tal situação.

A escolha dos países, explica a autora no preâmbulo do livro, se dá especialmente por sua própria história de vida: nascida no Japão, Hirata viveu no Brasil dos 5 aos 24 anos, quando, como refugiada política da ditadura cívico-militar, em 1971, migra para a França, onde desenvolverá grande parte de sua pesquisa científica. É lá que a autora passa a ser uma ativista feminista e a trazer a perspectiva de gênero para o seu olhar sociológico sobre o trabalho.

Tal experiência multifacetada contribui para a trajetória investigativa que deságua nesta obra: a interlocução entre os três países colabora para que Hirata receba apoio de um conjunto de órgãos de pesquisa e estabeleça uma quantidade significativa de redes de contatos. Um feito que lhe permite o trabalho de campo virtuoso observado no livro e viabiliza que a autora destaque tanto a materialidade como a subjetividade do trabalho do cuidado em diferentes contextos sociais.

Das 360 entrevistas realizadas⁴, 265 foram feitas com *care workers* de instituições e 95 com cuidadores(as) domiciliares. Enquanto profissionais, os(as) entrevistados(as) eram cuidadores(as) (auxiliares de vida), auxiliares médico-psicológicos(as) (AMPs), auxiliares de enfermagem e enfermeiros(as) ou equivalentes nos três países. A partir de suas vivências, a socióloga observa como o cuidado, seja ele feito em casa ou em instituições, é marginalizado e desvalorizado nos três países. Aspecto que, conforme defende, possui relação histórica com a condição não remunerada do trabalho doméstico.

Além disso, nesta obra, Hirata pretende fornecer pistas que contribuam para “pensarmos um futuro para nossa sociedade que seja fundado em um

4 Para as entrevistas, a autora menciona ter contado com apoio de Myrian Matsuo, no Brasil, de Efthymia Makirdou, na França, e com a assistência de Ayaka Kashiwazaki no Japão (Hirata, 2022, p.128)

outro tipo de regime moral, que tenha no cuidado um valor universal”⁵. Isto é, uma *Caring Society*, que permita às cuidadoras uma “função social reconhecida, simbólica e materialmente, por salários mais justos e por condições de trabalho decentes”⁶.

Pesquisadora de fôlego, ela se dedica há décadas a investigar contextos reais do trabalho sob o capitalismo. Em livro anterior, *Gênero e Trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais* (2016), organizado por ela em conjunto com Alice Rangel de Paiva Abreu e Maria Rosa Lombardi, Hirata já trazia publicações sobre o tema do cuidado⁷, demonstrando ser uma investigadora que tem recorrido às lentes de gênero e raça para interpretar o trabalho sob a globalização. Neste livro atual, seu olhar se aprofunda e se expande. O desafio a que se propõe é o de conhecer *o que de fato é o cuidado* e compreender *as profissões* que a ele se dedicam, em especial as voltadas ao cuidado de idosos(as).

Alicerçando-se em trabalho de campo e em vasta bibliografia, a autora demonstra o vínculo entre a desvalorização do cuidado e sua generificação e racialização: seja no Brasil, na França ou no Japão, os mais baixos postos no trabalho de cuidado são majoritariamente ocupados por mulheres, que são, ainda, marcadas socialmente pela raça ou pela etnia, e/ou pelo *status* de migrante.

Conforme Evelyn Nakano Glenn, no prefácio à edição francesa⁸, Hirata evidencia o que a própria Glenn havia apontado em seu texto *Da servidão ao serviço*⁹: as divisões racial e sexual do trabalho são materializadas em mulheres brancas (e uma minoria de homens), ocupando postos de nível superior ou de controle, enquanto às mulheres não brancas são destinados o “trabalho sujo” e as tarefas fisicamente difíceis, que acarretam acidentes de trabalho e problemas de saúde.

Para desenvolver seu argumento, Hirata estrutura a obra em quatro capítulos, além dos prefácios à edição brasileira e à edição francesa, preâmbulo, introdução, conclusão e posfácio. No primeiro capítulo “O cuidado: implicações teóricas e sociais”, Hirata delimita quais são as convicções de que partem suas análises e quais categorias profissionais ela vai investigar. Sua primeira convicção é que a vulnerabilidade e interdependência são *constitutivas de todo ser humano* e, portanto, devem ser responsabilidade de todos, “sem distinção de

5 HIRATA, H. **O cuidado**: teoria e práticas. São Paulo: Boitempo, 2022. p. 9.

6 Ibidem.

7 HIRATA, H. O cuidado em domicílio na França e no Brasil. In: ABREU, A. R. de P.; HIRATA, H.; LOMBARDI, M. R. (org.). **Gênero e Trabalho no Brasil e na França**: perspectivas interseccionais. São Paulo: Boitempo, 2016. Cf.: HIRATA, H.; GUIMARÃES, N. **Cuidado e cuidadoras**: as várias faces do trabalho do *care*. São Paulo: Atlas, 2012.

8 HIRATA, H. Op. cit., 2022, p.12.

9 GLENN, E. N. From Servitude to Service Work: Historical Continuities in the Racial Division of Paid Reproductive Labor. **Signs**, v.18, n.1, 1992.

sexo¹⁰, raça ou classe social¹¹.

A segunda convicção é que “é preciso mudar o atual *status* desfavorecido e precário dos(as) trabalhadores(as) do cuidado no mundo inteiro¹². E, por fim, a terceira convicção é que as necessidades de cuidado não são exclusivas de países do norte global, mas pertinentes também ao sul, e que não são locais, mas globais.

No capítulo, a autora ainda levanta as principais controvérsias em torno desse tema, passando brevemente por questões a respeito da definição multidimensional do cuidado como relação social e como processo, proposta por Joan Tronto¹³, e sobre a extensão do conceito de cuidado. Além de ressaltar controvérsias sobre a relação entre cuidado e desigualdades sociais, a necessidade de relacionar o conceito de responsabilidade ao de cuidado, como sustentam Flávia Biroli¹⁴ e Pascale Molinier¹⁵, e a importância ou não do afeto e do trabalho emocional no cuidado, explicitadas nos trabalhos de Christelle Avril.¹⁶

Hirata irá condensar seu entendimento de cuidado enquanto uma “relação social, entre prestador(a) e beneficiário(a), que é em princípio sexuada e que pode ser não remunerada (o cuidado doméstico) ou remunerada (a profissionalização e os ofícios do cuidado)”¹⁷. Mais especificamente:

Um trabalho material, técnico e emocional moldado por relações sociais de sexo, de classe e de ‘raça’/etnia, entre diferentes protagonistas (...). O cuidado não é apenas uma atitude atenciosa, ele abrange um conjunto de atividades materiais e de relações que consistem em trazer uma resposta concreta às necessidades dos outros. Pode também ser definido como uma relação de serviço, de apoio e de assistência, remunerada ou não, que implica um senso de responsabilidade pela vida e pelo bem-estar do outro.¹⁸

Seu intuito no livro, contudo, é justamente refletir sobre a externalização do trabalho do cuidado e de sua profissionalização, com a figura dos(as) cuidadores(as) nos três países, trabalhando conjuntamente a ideia de consubstancialidade proposta por Danièle Kergoat¹⁹, estudiosa do gênero que é gran-

10 No livro, Hirata se refere a “relações sociais de sexo” e ao “sexo” das(os) trabalhadoras(es) como marcador de desigualdades sociais. Define ainda que o cuidado é uma “relação social sexuada” (p.33). Por outro lado, a autora oscila e também trabalha com o conceito de gênero, como quando se relaciona com a interseccionalidade, ao dizer do “entrelaçamento das relações de gênero, de raça e de classe como relações de poder não hierarquizáveis” (p.30).

11 HIRATA, H. Op. cit., 2022. p. 23.

12 Ibidem, p.25.

13 TRONTO, J. **Um monde vulnérable**: por une politique du care. Paris: La Découverte, 2009.

14 BIROLI, F. Responsabilidades, cuidado e democracia. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 18, p. 81-117, 2015.

15 MOLINIER, P. **Le travail du care**. Paris: La Dispute, 2020.

16 AVRIL, C. Sous le care, le travail des femmes des milieux populaires: pour une critique empirique d’une notion à succès. In: MARUANI, M. (org.). **Trabalho, logo existo**: perspectivas feministas. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

17 HIRATA, H. Op. cit., 2022, p.29.

18 HIRATA, H. Op. cit., 2022, p.30.

19 KERGOAT, D. Le care et l’imbrication des rapports sociaux. In: GUIMARÃES, N.; MARUANI, M.; SORJ, B. (org.).

de referência para as pesquisas de Hirata.

No capítulo, ela ainda caracteriza as profissões do cuidado em *definição estrita* (tais como enfermeiros/as, parteiros/as, fisioterapeutas, auxiliares de enfermagem, assistentes maternais, babás, faxineiros/as, empregados/as domésticos/as etc.) e cuidadores em *definição ampla* (incluindo também profissionais de saúde como médicos/as, psicólogos/as, e de cuidados corporais particulares, como cabelereiros/as, esteticistas etc.).

Essa localização de Hirata lhe permite pensar o cuidado *enquanto trabalho*, olhando para sua dimensão ética e política. Segundo a autora, as pesquisas sobre o cuidado podem dar grandes contribuições às análises do trabalho das mulheres. Contudo, estas costumam estar distantes daquelas. Observando a trajetória de pesquisas francesas, Hirata aponta uma lacuna nas pesquisas sobre o trabalho doméstico, que não incluem o trabalho de cuidado como uma das dimensões do trabalho realizado pelas mulheres no seio familiar e no mundo do trabalho remunerado.

No seu entendimento, os estudos sobre o trabalho do cuidado são capazes de demonstrar o *continuum* entre o trabalho assalariado e o trabalho doméstico “para as mulheres, e apenas para elas”²⁰. Assim, ao ser concebido *como trabalho*, o cuidado descortina uma série de problemas tradicionais da sociologia do trabalho, como qualificação, competência, diplomas, recrutamento, condições de trabalho, importância do sexo do(a) trabalhador(a) na gestão da mão de obra etc.

No capítulo 2, “Uma pesquisa comparativa sobre o trabalho do cuidado”, a socióloga se dedica às mudanças sociodemográficas no Brasil, na França e no Japão, especialmente relativas ao envelhecimento populacional e às políticas públicas sobre o tema. É, então, que ela apresenta com mais detalhe as semelhanças e diferenças entre os três países, com objetivo de jogar luz sobre as diversas configurações do cuidado, de acordo com as sociedades.

Uma primeira conclusão de Hirata é que não há uma resposta só para esse problema. A partir da comparação internacional, a autora examina o trabalho do cuidado na interseção das relações sociais de sexo, classe e raça, a fim de evidenciar as diferentes configurações em cada país e captar “as modalidades comuns da desvalorização do cuidado e a consciência que as pessoas têm delas”²¹.

Uma diferença primordial entre os países se dá no que diz respeito à organização social do cuidado. Conforme demonstra com os dados de sua pesquisa, enquanto no Japão, instituições de longa permanência para idosos(as) já acolhiam, em 2004, 14% da população, no Brasil, estabelecimentos do mesmo tipo acolhiam, em 2016, apenas 1% dos(as) idosos(as). No caso brasileiro, as

Genre, race, classe: travailler en France et au Brésil. Paris: L'Harmattan, 2016.

20 HIRATA, H. Op. cit., 2022. p. 34.

21 Ibidem, p. 49.

redes de sociabilidade se mostram fundamentais para o cuidado: familiares, vizinhança e outras redes sociais mais estendidas. O exemplo nacional explicita que a carga de cuidados de idosos(as) recai majoritariamente sobre a família, principal prestadora dos cuidados, em especial às mulheres membras do núcleo familiar. E, em segundo lugar, nas famílias com maiores rendas, empregadas domésticas e faxineiras acabam sendo as responsabilizadas pelas tarefas de cuidado com a casa, idosos e crianças.

Similarmente, os três países apresentam a ideia de um não reconhecimento do valor monetário do trabalho do cuidado. Segundo a pesquisa demonstra, foi a pandemia que propulsionou uma luta francesa em busca da revalorização dos salários das profissões de cuidado. E, apesar de averiguarem-se ecos isolados dessa reivindicação no Brasil, o que ocorreu aqui foi o veto de Bolsonaro, em julho de 2019, à regulamentação da profissão de cuidadores(as), que conta cerca de 1,5 milhão de pessoas.

No capítulo três “Globalização, trabalhadores(as) do cuidado e migrações”, Hirata aborda a divisão internacional do trabalho de cuidados, ressaltando a existência de uma grande massa de trabalhadoras(es) migrantes: externos no caso da França e do Japão, e internos no caso do Brasil (provenientes do norte e nordeste do país). Associando uma sociologia do gênero à das migrações, “examina o impulso da migração internacional e nacional das trabalhadoras e dos trabalhadores do cuidado no contexto da globalização, especialmente a partir de meados da década de 1990”²². Ela também traz o perfil das pessoas envolvidas no trabalho de cuidado em estabelecimentos de idosos(as) dependentes, nas três cidades investigadas: Paris, Tóquio e São Paulo.

A autora parte do reconhecimento de uma “cadeia global de afeto e de assistência”, tal como aventado por Cristina Carrasco²³, ou ainda de uma divisão internacional do trabalho reprodutivo, como defendido por Rhacel Parreñas²⁴. Nesse sentido, Hirata destaca a existência de uma polarização do emprego feminino no mundo, a partir dos anos 1990: de um lado, mulheres com diplomas universitários exercendo funções executivas, o que exige a transferência do trabalho de cuidados para outras mulheres, com baixa ou nenhuma qualificação formal, que compõem o outro lado do polo.

Para a autora, em certa medida, o processo de globalização tornou mais nítidas “a desigualdade, a diversidade e a heterogeneidade entre os sexos, as classes sociais e as raças”²⁵, deixando evidente a desigualdade na distribuição do cuidado entre as pessoas. Mas a globalização também contribui para desnudar questões até então reservadas à esfera privada ou à intimidade, em um processo que foi ainda mais agudizado pela pandemia.

22 Ibidem, p. 53.

23 CARRASCO, C. La sostenibilidad de la vida humana: un asunto de mujeres? **Mientras Tanto**, Barcelona, n. 82, 2001.

24 PARREÑAS, R. **Servants of Globalization: Women**, Migration and Domestic Work. Stanford: University Press, 2002.

25 HIRATA, H. Op. cit., 2022, p.57.

A análise da globalização e da migração leva Hirata ao exame da questão da precariedade e da precarização associadas a esses processos. Por se tratar de uma série de atividades não reconhecidas em sua importância e centralidade pela sociedade capitalista, o cuidado remunerado opera mundialmente sob a falta de proteção social e de direitos sociais, a ausência de uma qualificação formal, bem como sob horas reduzidas de trabalho, que levam a baixos salários.

Neste capítulo, ela navega ainda sobre duas formas mais recorrentes de cuidar de idosos(as): as situadas em instituições de acolhimento de pessoas idosas e a prática do cuidado domiciliar. Daqueles que trabalham em instituições, 81% são mulheres. Entre essas mulheres, no Brasil, 50% têm curso técnico completo, e somente 8%, superior completo.

É sob essa perspectiva que a autora aborda as desigualdades de gênero e raciais involucradas na divisão do trabalho de cuidados. Segundo demonstra, nas três metrópoles pesquisadas, a maior parte das pessoas que exercem a função de cuidadoras de idosos são mulheres pertencentes às classes sociais desfavorecidas. No caso de São Paulo e de Paris, destacam-se as mulheres negras e racializadas, o que provoca Hirata a fundamentar sua investigação na interseccionalidade ou consubstancialidade das relações sociais de poder²⁶.

Para se debruçar com mais detalhe sobre a vida vivida dos(as) cuidadores(as), no quarto capítulo, “Trajetórias, atividade e relação subjetiva com o trabalho”, ela seleciona 9 entrevistas, três de cada país. Ao expor as qualificações, diplomas e salários dos(as) trabalhadores(as) nas três cidades, e suas trajetórias pessoais, a autora visa compreender as modalidades de entrelaçamento das relações sociais de sexo, classe e raça. Sua investigação reafirma a hipótese de que as mulheres vivenciam o *continuum* entre o trabalho doméstico e o remunerado.

A análise das entrevistas demonstra que as mulheres se referem a uma experiência informal de cuidado no interior das famílias, sem mobilizar suas experiências como habilidades específicas adquiridas em condições particulares, como fazem os homens cuidadores. Neste sentido, para as entrevistadas, parece haver uma relação maior de “vocaçãõ” para o cuidado, enquanto para os homens o trabalho é mobilizado como uma competência.

No mesmo capítulo, Hirata busca também responder às perguntas: “o que é o cuidado?” e “em que consistem as atividades relacionadas ao cuidado?”, a partir da perspectiva das pessoas entrevistadas. Ela reconhece uma padronização das respostas e questiona o nível de espontaneidade que elas poderiam carregar. Contudo, destaca algumas convergências na interpretação do cuidado por parte de entrevistados(as) de São Paulo, Tóquio e Paris. São elas: (1) a concepção, entre entrevistados(as), da “presença” e da “disposição” associados ao cuidado; e (2) a ideia entre cuidadores(as) de que o cuidado e as atividades

envolvidas nele podem ser pensados como “ajuda”, situando-a no nível psicológico, para que o(a) beneficiário(a) enfrente a velhice com menos solidão.

É a partir dessa percepção que Hirata aventa a questão do amor e do afeto como componentes incontornáveis do cuidado. Segundo o que sustenta sua pesquisa, “é impossível dissociar o afeto, o trabalho emocional e o trabalho material relacionado à manutenção da vida das pessoas idosas”. O trabalho emocional mobiliza medo, frustração, sofrimento, nojo, impaciência, ternura, amor etc. Em suas palavras, a “subjetividade é uma dimensão estruturante do cuidado como relação social”²⁷. O racismo vivenciado no trabalho, por exemplo, aparece como fonte importante do sofrimento dos(as) cuidadores(as).

Como conclusões, o livro retoma a centralidade política do trabalho das mulheres e do cuidado, reafirmando sua crítica a respeito de como – apesar da diferença de cada país organizar socialmente o cuidado quanto aos principais agentes (Estado, mercado, família e comunidade) – são as mulheres que continuam realizando majoritariamente esse trabalho. Hirata defende que o trabalho de reprodução social e de cuidado pode mudar a política e ser mudado por ela. Ao recuperar autoras como Danièle Kergoat, Silvia Federici e Christine Delphy, reclama a indissociabilidade entre as funções econômicas e políticas, a fim de retomar a crítica marxista da economia política e propor que repensemos o trabalho como uma alavanca de emancipação coletiva.

Compartilhando a utopia de Pierre Rimbert²⁸, ela reclama um “socialismo de serviços”, em que faxineiras, auxiliares de vida, assistentes maternas, enfermeiras, professoras etc., reivindicuem “os meios para fazer bem” seus trabalhos, jogando luz sobre o valor de uso do trabalho de cuidados e apontando para sua importância para as sociedades, rumo a uma *sociedade do cuidado*.

Assim, Hirata aponta para todas e todos nós, trabalhadoras e trabalhadores brasileiros, um horizonte a se construir desde já. Algo que passa pelo desafio de uma mobilização coletiva orientada pelo cuidado e pela vida, reivindicando melhores condições de trabalho para profissionais do cuidado, mas além. Por uma política nacional de cuidados que reconheça a centralidade do trabalho das mulheres e considere uma nova divisão sexual e racial do trabalho.

Referências bibliográficas

AVRIL, C. Sous le care, le travail des femmes des milieux populaires: pour une critique empirique d’une notion à succès. In: MARUANI, M. (org.). **Trabalho, logo existo**: perspectivas feministas. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

BIROLI, F. Responsabilidades, cuidado e democracia. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 18, p. 81-117, 2015.

CARRASCO, C. La sostenibilidad de la vida humana: ¿un asunto de mujeres?

27 HIRATA, H. Op. cit., 2022, p.107.

28 RIMBERT, P. La puissance insoupçonnée des travailleuses. **Le Monde diplomatique**, jan. 2019.

Mientras Tanto, Barcelona, n. 82, 2001.

GLENN, E. N. From Servitude to Service Work: Historical Continuities in the Racial Division of Paid Reproductive Labor. **Signs**, v.18, n.1, 1992.

GLENN, E. N. Prefácio à edição francesa. In: HIRATA, H. **O cuidado**: teoria e práticas. São Paulo: Boitempo, 2022.

HIRATA, H.; GUIMARÃES, N. **Cuidado e cuidadoras**: as várias faces do trabalho do *care*. São Paulo: Atlas, 2012.

HIRATA, H. O cuidado em domicílio na França e no Brasil. In: ABREU, A. R. de P.; HIRATA, H.; LOMBARDI, M. R. (org.). **Gênero e Trabalho no Brasil e na França**: perspectivas interseccionais. São Paulo: Boitempo, 2016.

HIRATA, H. O cuidado: teoria e práticas. São Paulo: Boitempo, 2022.

KERGOAT, D. Le care et l'imbrication des rapports sociaux. In: GUIMARÃES, N.; MARUANI, M.; SORJ, B. (org.). **Genre, race, classe**: travailler em France et au Brésil. Paris: L'Harmattan, 2016.

KERGOAT, D. Posfácio. In: HIRATA, H. **O cuidado**: teoria e práticas. São Paulo: Boitempo, 2022.

MOLINIER, P. **Le travail du care**. Paris: La Dispute, 2020.

PARREÑAS, R. **Servants of Globalization**: Women, Migration and Domestic Work. Stanford: University Press, 2002.

RIMBERT, P. La puissance insoupçonnée des travailleuses. **Le Monde diplomatique**, jan. 2019.

TRONTO, J. **Um monde vulnérable**: por une politique du care. Paris: La Découverte, 2009